Negroazulado
é o traje do casamento

Ditinha Rosa
Fotos: Chico Saragiotto

fêmea Tiziu

Fenômeno raro ocorre com um dos pássaros mais graciosos da nossa avifauna - o Tiziu (*volatinia jacarina*).

Quando do topo de um mourão de cerca, do alto de um galho seco ou mesmo da copa verdejante de um arbusto, qual ginasta olímpico, o Tiziu sai do ponto de pouso, eleva-se à altura de um metro ou pouco mais e volta para o lugarzinho de onde saiu sem perder o estilo, a elegância, repetindo dezenas de saltos em poucos minutos e ainda soltando o canto para completar a apresentação artística, não damos conta da beleza que ali está acontecendo. Desconhecemos o imenso carinho que a natureza dispensou para preparar o fino espetáculo com tamanha eficiência e qualidade.

Trajando plumagem escura, cintilante, impecável, com manchas brancas nas axilares e nas inferiores das asas que são exibidas durante a acrobacia, o Tiziu tem a capricho de deixar até o bico parecendo peça esculpida em marfim para anunciar o período do casamento. Afinal, é ele o noivo.

Quanto à noiva, não lhe é reservado momentos de tanta pompa. O traje da fase de reprodução não difere do cotidiano. Plumagem pardacenta reveste-lhe o corpo e a parte do peito é desenhada com risquinhos alternados mas de coloração apagada, sem o brilho que é deferido ao parceiro. Não pula, não solta a voz, não faz exibição de modo algum.

Seu papel é o da enorme importância que tem um contrarregra no interior do palco.

Cabe lhe o trabalho de buscar raízes finíssimas parecendo lavadas para tecer o ninho, construí-lo sempre a baixa altura em formato de tigelinha, muito ralo dando para avistar os ovinhos do lado de fora. É ainda da sua obrigação manter a temperatura dos ovos durante a incubação que tem duração de uns dez dias e os cuidados com os filhotes que, com nove dias, já estão prontos para deixar o ninho e ficar sempre pelo chão e não longe da família.

Durante o período de reprodução que vai do final da primavera a meados do verão, é tempo suficiente para eclosão de três ninhadas, regra geral, com dois ovos cada uma.

Nunca se viu o macho carregando material para tecer o ninho nem alimentando o prole. É ele, um guardião, um demarcador de território muito respeitado por outras espécies que jamais ousam invadir o que está sob sua jurisdição. Entretanto, não existe registro de um tiziu brigando.

No final de fevereiro, quando tem início a muda de penas, encerra-se o período de reprodução.

A fêmea troca seu traje por outro da mesma tonalidade. Nada muda. Enquando que o macho, perde todo brilho, o charme, o colorido podendo ser confundido com um macho jovem ou uma simples fêmea, à distância. Seu corpo assume tom pardo amarelado no dorso, cabeça, nuca, fronte, com penas mais claras na garganta e esbranquiçadas no ventre. Cauda e rêmiges são anegradas.

Sick, nomeia tal mudança de "plumagem de eclipse". Nessa época, vivem aos bandos: casais, filhotes, vizinhos de território ou de territórios mais distantes. São tidos como pássaros inofensivos, de boa paz.

A fêmea troca seu traje por outro da mesma tonalidade. Nada muda. Enquando que o macho, perde todo brilho, o charme, o colorido podendo ser confundido com um macho jovem ou uma simples fêmea, à distância. Seu corpo assume tom pardo amarelado no dorso, cabeça, nuca, fronte, com penas mais claras na garganta e esbranquiçadas no ventre. Cauda e rêmiges são anegradas.

Nunca se viu o macho carregando material para tecer o ninho nem alimentando o prole. É ele, um guardião, um demarcador de território muito respeitado por outras espécies que jamais ousam invadir o que está sob sua jurisdição. Entretanto, não existe registro de um tiziu brigando.

A única denúncia contra eles ocorre quando, desconhecendo que um arrozal não é plantação nativa mas cultivada pelo homem, passam a fazer dos cachos de arroz que nesse espaço da estação estão prontos para amadurecer, fartos banquetes. Fora isso, o prato principal é semente das gramíneas sem dar prejuízo a ninguém se bem que por vezes são prejudicados até a morte, com a chegada da capina química.

Quando, com o sol do outono, as sementes preferidas vão ficando douradas, lançam se por terra e morrem para renascerem nas chuvas da primavera, o alimento para tantos elementos do bando, vai ficando escasso. Nessa hora eles vão se achegando às hortas, pomares, jardins, quase solicitando comida aos seres humanos.

Nesse particular, nossa experiência é um pouco mais vasta. Há mais de duas décadas, colocamos em cochos no muro lateral de nossa casa, aqui em Serra Negra, Estado de São Paulo, alimentos alternativos aos encontrados nos campos, roças e pastagens e ficamos a aguardá-los. Painço, quirera de milho fininha ou de arroz viram a dieta preferida dos hóspedes numa temporada que vai de julho a novembro. São centenas de pássaros alimentando-se o dia todo, todos os dias, em nosso quintal. São coleirinhas (*Sporophila caevailescens*), tico-ticos (*Zonotrichia capensis*), rolinhas (*Colunabina talpacoti*), chopins (*Molothrus bonarienses*), avoantes (*Zenaida auriculata*) e os graciosos tizius que sempre chegam mais tarde e não avançam no cocho. Chegam devagarzinho pelo chão ou voando entre os galhos baixos das plantas e contentam-se, num primeiro momento, com o que transborda das vasilhas. Respeitam as demais espécies e parecem temer a rolinha "caldo de feijão" que defende sua porção de alimento ameaçando a todos com uma das asas estendidas, como arma.

Durante a estadia, dá bem para observar o fenômeno raro da mudança da plumagem dos tizius machos que chegaram como se fossem elementos jovens ou camuflados de fêmeas. Eles vão assumindo aos poucos o tom da fase de reprodução, ficando com manchas negras pelo corpo, partes do dorso salpicadas de negro, outros predominando o pardo só no ventre...

Nunca encontramos pena caída nesse processo de troca da vestimenta, nem mesmo em exemplar observado em cativeiro. A transformação do visual ocorre como se um artista plástico estivesse completando sua obra, com retoques diários, precisos, sabendo onde quer chegar.

Com as primeiras chuvas da primavera, os campos começam a verdejar e a sementeira não tarda. Os coleirinhos vão desaparecendo devagarzinho, como chegaram. Já os tizius demoram pouco mais para abandonar o cocho. A fêmea, com certeza, já está escolhida. Não descobrimos se a parceira será a mesma do ano anterior nem se permanece o território demarcado e a arvorezinha que abrigou o ninho.

Salvemos, entretanto que o macho já começa dar seus saltos olímpicos, é rompido o silêncio de meses e ele solta a voz, o bico lembra o puro marfim, aparecem as manchas alvas nas axilares e inferiores das asas, o corpo está revestido com a plumagem escura, brilhante, impecável pois negroazulado é o traje do casamento.